

Silvia Cristina Yannoulas
(Organizadora)

Lourdes Maria Bandeira | Marcia C. Barbosa e Betina S. Lima
Ângela Maria Freire de Lima e Souza e Márcia Barbosa de Menezes
Maria Rosa Lombardi | Talita Santos de Oliveira
Cláudia Pereira Vianna | Marly de Jesus Sá Dias
Marlene Teixeira e Maria D. Stphanie R. Cerqueira | Nora Goren
Mariana Mazzini Marcondes | Anabelle Carrilho

Trabalhadoras

Análise da Feminização das Profissões e Ocupações

Realização:



Apoio:



Brasília, 2013

© *Copyright*: Silvia Cristina Yannoulas, 2013

As ideias contidas e as opiniões emitidas neste livro são de responsabilidade dos autores.
É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Conselho Editorial

Almira Rodrigues, Cleia Schiavo Weyrauch, Evilásio Salvador,
Francisco Inácio de Almeida, Ivan Alves Filho, Ivônio Barros Nunes.

Revisão e Edição Final

Tereza Vitale

Projeto Gráfico

Samuel Tabosa de Castro

Figura da capa

iStockphoto LP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Y24t Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações / Yannoulas,
Silvia Cristina (Coord.) – Brasília : Editorial Abaré, 2013.

304 p. 15,5 x 22,5 cm.

ISBN: 978-85-89906-17-3

1. Ciências sociais. Divisão sexual do trabalho; Relações de Gênero (Feminização).
 2. Sociologia; Sociabilidade; Profissões; Ocupações; Sociologia do trabalho.
- I. Universidade de Brasília. Grupo de Pesquisa TEDIs, CNPq Edital Universal.
II. Silvia Cristina Yannoulas.

CDU – 300

301

305.4

Quadra 201, Lote 4, Bloco G-801
Águas Claras – CEP 71937-540 – Brasília-DF
Fone: (61) 3879-6881 / (61) 9986-3632
abare.editorial@gmail.com / terezavitale@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Silvia Cristina Yannoulas

Sobre o Projeto

O Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Discriminação – TEDis¹ (incluído no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq) foi criado em 2007, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (SER/UnB). Seu propósito é promover estudos do trabalho, a partir da sua articulação com o conhecimento e a educação formal, considerando especialmente as trajetórias educacionais diferenciais e os percursos ocupacionais e profissionais desiguais entre grupos sociais (sexo/gênero, classe social e raça/etnia).

Por que trabalhar essas três dimensões apontadas? É que elas são estruturantes das desigualdades mais profundas das sociedades latino-americanas, envolvendo no Brasil não apenas minorias, mas 70% da população economicamente ativa – PEA (ABRAMO, 2008). Isso não significa que essas desigualdades ajam de maneira idêntica ou que as discriminações decorrentes possam ser interpretadas no mesmo sentido (RODRIGUES; YANNOULAS, 1998).

Saffioti (1992a) considera que as relações de poder se exprimem primordialmente por meio das relações de gênero, em mais de um sentido: porque o gênero antecedeu a emergência das sociedades centradas na propriedade privada dos meios de produção, mas também porque permeia

1 Para mais informações sobre as pesquisas, produções, participantes e eventos promovidos ou com participação de membros do grupo TEDis, ver: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0240610W3DOY5F>> e <www.tedis.unb.br>.

absolutamente todas as relações sociais.² Assim, considerando a divisão sexual do trabalho como prática social e simbólica (BANDEIRA, 1997), a mesma se entrelaça com o sistema de classes sociais e também com o caráter étnico/racial, expressando-se os antagonismos de maneiras particulares, segundo o tipo de profissão ou ocupação considerada (ver SAFFIOTI, 1985, 1992a; 1992b; CASTRO, 1992; 1996). Em outros termos, as relações sociais de sexo/gênero, classe social e raça/etnia são consubstanciais (KERGOAT, 2009), e a alquimia das categorias sociais está presente em toda prática social (CASTRO, 1992). Sem cair em concepções fragmentadas e fragmentárias da realidade social ou da *práxis* política, reconhecemos a diversidade no interior da classe trabalhadora, demarcada pelas relações de gênero e étnico-raciais.

O Projeto “Trabalho e Relações de Gênero: Análise da Feminização das Profissões e Ocupações”, do Grupo TEDis foi aprovado pelo Edital MCT/CNPq Nº 14/2011 (Universal). Localizado no interior dos **estudos de gênero** e dos **estudos do trabalho**, o projeto pretende se referenciar nas reflexões sobre a divisão sexual do trabalho, considerada a maneira originária de organização social da atividade humana. Conforme analisamos em publicação anterior (YANNOULAS, 1993), a divisão sexual do trabalho foi objeto de reflexão dos fundadores das ciências sociais no século XIX, destacando alternadamente sua função econômica (Marx), social (Durkheim) e cultural (Simmel). Se a divisão sexual do trabalho é mutável no tempo e no espaço, ela é universal no sentido de que toda sociedade conhecida realiza alguma classificação das atividades em femininas e masculinas.

Castro e Guimarães (1997) sistematizaram as produções que salientam o caráter socialmente construído da assimetria nas relações de gênero presentes na divisão sexual do trabalho, especialmente na sua redefinição no momento da emergência do capitalismo. Outorgamos especial destaque a abordagem realizada por Kergoat (2009), que recupera dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho presentes em toda parte e aplicados sempre no mesmo sentido: o da separação em trabalhos de homens e de mulheres, e o da hierarquização, sendo que os trabalhos de homens possuem mais prestígio e reconhecimento do que os realizados por mulheres. Entretanto, para a autora, o enfoque da divisão sexual do trabalho ultrapassa

2 Saffioti (1992) desenvolveu importante ensaio sobre a utilização da categoria gênero e dos conceitos de divisão sexual do trabalho e patriarcado. A autora, que adotou a difundida análise da categoria de gênero promovida por Scott, considerava que as relações de gênero constituem uma totalidade dialética, contendo e alimentando o antagonismo e a contradição. Existe uma simbiose entre patriarcado-racismo-capitalismo, sendo formas mutuamente constitutivas de dominação e exploração.

a constatação e descrição das desigualdades existentes, pois significa refletir sobre os processos pelos quais as sociedades separam e hierarquizam as atividades de homens e de mulheres. Este é o eixo fundamental que organiza a discussão feminista sobre a divisão sexual do trabalho, e também este nosso livro *Trabalhadoras*.

A imbricação entre os estudos de gênero e os estudos do trabalho é tão significativa, que foi apontada como fundamental para o desenvolvimento dos estudos de gênero no Brasil (BRUSCHINI, 1994). Se com relação à polêmica em torno do trabalho inaugurada por autores da sociologia do trabalho como Offe (1989) e Gorz (2007) reafirmamos a sua centralidade na constituição da sociabilidade humana, também entendemos que essa atividade humana primordial é uma construção social permeada e constantemente reorganizada nas bases antagônicas da divisão sexual (ver YANNOULAS, 2008). Essa sociabilidade humana estruturada em torno do trabalho é definitivamente sexuada ou generificada.

Há alguns anos, realizamos uma pesquisa comparada sobre os processos de feminização do magistério do ensino fundamental, no período entre 1870 e 1930, na Argentina e no Brasil (ver YANNOULAS, 1996). As leituras oportunamente realizadas, visando construir um “estado da arte” sobre as relações de gênero no trabalho, mais especificamente sobre os processos de feminização da profissão docente, levaram a postular a existência de ao menos duas grandes maneiras de conceituar o fenômeno da feminização, segundo a utilização de perspectivas quantitativas ou quanti-qualitativas. O propósito do livro *Trabalhadoras* é o de atualizar e refletir criticamente sobre os processos de feminização das ocupações e das profissões, considerando suas transformações, os vasos comunicantes entre os aspectos quantitativos e qualitativos dos processos, os movimentos das mulheres e dos homens nos seus afazeres, labores e empregos.³

Os novos tipos e modalidades da participação das mulheres nos atuais mercados de trabalho colocam uma série de interrogações sobre os modos de inserção nesses mercados, se as mulheres realizam algum aporte específico, quais são os mecanismos de qualificação que utilizam ou são oferecidos para elas, por que não ocupam os mais altos postos nas suas áreas, o que significa uma participação numericamente superior em termos de definição qualitativa da profissão ou ocupação, quais os rebatimentos dessa nova

3 Desde uma perspectiva feminista, Kergoat, Picot e Lada (2009) diferenciam profissão e ocupação; Maruani (2009) define emprego; Hirata e Zarifian (2009) discorrem sobre o próprio conceito de trabalho.

inserção para a divisão sexual dos trabalhos reprodutivos e a participação do Estado nas tarefas de cuidados, entre outros. E a interrogação maior: qual seria o balanço entre transformações e permanências, entre novidades e deslocamentos? Quais as contradições, quais os paradoxos gerados pela atualização ou metamorfoses da divisão sexual do trabalho?

Bandeira et al. (2009) apontam para a persistência de práticas sexistas no mercado e no mundo do trabalho: mesmo quando os homens se deslocam para os afazeres domésticos remunerados, eles trabalham em ocupações diferenciadas como jardineiro, motorista, entre outras. Quando os homens ocupados realizam afazeres domésticos não remunerados, “ajudam”, e o fazem ocupando um número de horas muito inferior ao destinado pelas mulheres ocupadas. A inserção de maneira significativa de mulheres no trabalho remunerado não alterou em grande medida a diferença salarial, ou a ocupação de postos de chefia, ou ainda a “liberação” da sobrecarga doméstica para elas. Assim, a denominada feminização do trabalho não significou a eliminação das fontes de discriminação, seja no trabalho produtivo ou no reprodutivo, mas apenas o “deslocamento das fronteiras da desigualdade” (parafraseando MARUANI; HIRATA, 2003).

Mas por que estudar a feminização? Algumas pesquisadoras manifestam incômodos com a escolha do eixo de reflexão, pois entendem que estudar a feminização seria postular estratégias reformistas típicas da classe média, que levariam as mulheres somente a desenhar maneiras de atacar os resistentes bastiões masculinos ou a atrair com medidas específicas (e até sexistas!) homens para as profissões e ocupações femininas. Bem, se adotarmos uma perspectiva estritamente relacional para compreender as relações de gênero, não podemos identificar mulheres com gênero e homens com universal. Assim, acreditamos que o estudo da feminização e da masculinização das profissões é chave para imaginar o desmonte das políticas e micropolíticas de poder que condenam homens e mulheres a determinados tipos de *tripalium* (origem da palavra trabalho)⁴ apenas por serem portadores de um determinado aparelho anatômico-fisiológico diferente.

Entendemos que se há antagonismo nas relações de gênero, este se decide a cada etapa ou período histórico, em cada sociedade, sem

4 *Tripalium* (literalmente, três paus) era um instrumento feito de três paus aguçados no qual os agricultores batiam as espigas de milho e trigo, para rasgá-los, esfiapá-los. Foi um instrumento de tortura utilizado pelos romanos, uma espécie de tripé formado por três estacas cravadas no chão na forma de uma pirâmide na qual eram supliciados os escravos. Ver Lautier (1999).

que seja possível estabelecer *a priori* sua demarcação. Daí nossa missão como estudiosas da feminização: apontar as maneiras que assume essa demarcação. Entretanto, somos conscientes de que as reflexões aqui contidas constituem apenas um ponto num longo processo de reflexão e movimento, reconhecendo as vozes que nos precederam e estimulando novas pesquisadoras a se debruçarem sobre essa instigante e fulcral problemática para a construção de um mundo melhor.

Sobre nossas parcerias

Para atingir os objetivos do Projeto, estabelecemos e/ou consolidamos parceria com outros Grupos de Pesquisa nacionais e internacionais. Assim, *Trabalhadoras* surge da necessidade de compartilhar as reflexões sobre a divisão sexual do trabalho e os processos de feminização, bem como do desejo de conectar contribuições de pesquisadoras distantes geograficamente, porém próximas nos seus objetivos políticos e acadêmicos feministas.

Em primeiro lugar, com as líderes do Grupo Gênero, Política Social e Serviços Sociais – Laboratório de ensino, pesquisa e extensão (Genposs)⁵ da Universidade de Brasília (UnB, Brasil): Marlene Teixeira, do Departamento de Serviço Social, e Lourdes Maria Bandeira, do Departamento de Sociologia da UnB.

Fora da nossa Universidade, mantemos intercâmbio com o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (Neim),⁶ da Universidade Federal da Bahia (UFBa, Brasil), especialmente com Ângela Maria Freire de Lima e Souza; e também com o Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações de Gênero, Étnico-Raciais, Geracional, Mulheres e Feminismos (Geramus),⁷ da Universidade Federal do Maranhão (UFMa, Brasil), especialmente com Marly de Jesus Sá Dias.

Nossos contatos também incluíram as seguintes pesquisadoras (ordem alfabética): Claudia Pereira Vianna, da Universidade de São Paulo (USP,

5 Informações sobre Genposs, disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0240610FFHBV06>>.

6 Informações sobre Neim, disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291709G1JZ3H8>>.

7 Informações sobre Geramus, disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0001610GQ1BISL>>.

Brasil); Márcia Cristina Bernardes Barbosa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Brasil); Maria Rosa Lombardi, da Fundação Carlos Chagas (FCC, Brasil); e Nora Goren, da Universidad Nacional Arturo Jauretche (Unaj, Argentina).

Participaram também alguns(mas) orientand@s das professoras parceiras: Betina Stefanello Lima, doutoranda da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil); Márcia Barbosa de Menezes, professora e doutoranda da Universidade Federal da Bahia (UFBa, Brasil); e Maria D. Stphanie R. Cerqueira, graduanda em Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB, Brasil).

Inspiradas por Kohen (1994), organizamos *Trabalhadoras* em dois grandes blocos: mulheres explorando profissões e ocupações masculinas/masculinizadas; e releituras sobre profissões e ocupações feminizadas. A coletânea está estruturada sob um eixo comum: todas as contribuições objetivam pensar a feminização/masculinização à luz de experiências concretas em determinadas profissões e ocupações. A partir desse eixo comum, cada capítulo abordou uma profissão ou ocupação de maneira singular, escolhendo aqueles aspectos que lhe resultaram de maior interesse quanto à profissão ou ocupação por ela analisada e a metodologia mais adequada para sua interpretação. Assim, incluímos relatos de experiências, resultados de pesquisas recentes e revisões de leitura, preservando a diversidade de olhares e estilos das autoras.

Agradecimentos

A todas as companheiras dessa aventura de escrever, amigas antigas e novas, que aceitaram com alegria e compromisso fazer parte da arte de (re) pensar a divisão sexual do trabalho, debatendo os processos de feminização. E especialmente, a Lourdes M. Bandeira, pelas múltiplas aprendizagens e a profunda amizade desenvolvidas de maneira coerente e consistente, nas últimas duas décadas.

Às integrantes do Grupo TEDis participantes do Projeto: Anabelle Carrilho, doutoranda em Política Social; Mariana Mazzini Marcondes, mestre em Política Social; Talita Santos de Oliveira, mestranda em Política Social, porque nossas periódicas reuniões, trocas e debates possibilitaram um projeto coletivo e uma publicação comum. Também às graduandas em Serviço Social Amanda Fontenelli Costa, Vanessa de Sousa Araújo e Ágatha

Marina Murari Azzolin, que colaboraram dando o necessário suporte em diversas etapas do projeto.

E finalmente, porém não menos importante, ao Comitê Assessor PS – Psicologia e Serviço Social do CNPq, que nos apoiou nessa aventura da pesquisa e reflexão sobre ***o que nós mulheres fazemos, onde, quando, quanto, como aprendemos a fazer, com que fazemos e para quem fazemos.***

Silvia Cristina Yannoulas
Brasília, 02 de junho de 2013

Referências

ABRAMO, Laís. Trabajo, género y raza. Un tema presente en la agenda brasileña. *Nueva Sociedad*, n. 218, 2008. Disponível em: <http://www.nuso.org/upload/articulos/3573_1.pdf>.

BANDEIRA, Lourdes M. Divisão sexual do trabalho, práticas simbólicas e práticas sociais. In: SIQUIERA, Deis E. et al. *Relações de trabalho, relações de poder*. Brasília/DF: UnB, 1997, p. 155-176.

_____. et al. Mulheres em dados: o que informa a Pnad/IBGE, 2008. In: BRASIL, Presidência da República. Edição Especial *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero: Autonomia Econômica, Empoderamento e Inserção das Mulheres no Mercado de Trabalho*. Brasília/DF: SPM, 2009, p. 107-128. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/areas-tematicas/trabalho/trabalho-1>>.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. *Estudos Feministas*. Ano 2, n. 3, 1994, p. 17-32. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16287>>.

CASTRO, Mary G. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos. *Estudos Feministas*. Ano 0, n. 0, 1992, p. 57-73. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15801>>.

_____. Gênero, raça/etnicidade, trabalho e sindicalismo no Brasil. *Cadernos da Área. Estudos de Gênero*, n. 4, 1996, p. 15-46.

CASTRO, Nadya A.; GUIMARÃES, Iracema B. Divisão sexual do trabalho, produção e reprodução. In: SIQUIERA, Deis E. et al. *Relações de trabalho, relações de poder*. Brasília/DF: UnB, 1997, p. 177-211.

GORZ, André. *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (conceito de). In: HIRATA, Helena et al. (Org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 251-256.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (Org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 67-75.

KERGOAT, Prisca; PICOT, Genevieve; LADA, Emmanuelle. Ofício, profissão, “bico”. In: HIRATA, Helena et al. (Org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009, p.159-166.

KOHEN, Beatriz (Comp.) “...De mujeres y Profesiones...”. Buenos Aires: Buena Letra, 1994.

LAUTIER, Bruno. Trabalho ou Labor? Dimensões históricas e culturais. *Ser Social*, n. 5, 1999, p. 09-21.

MARUANI, Margaret. Emprego. In: HIRATA, Helena et al. (Org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 85-90.

MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.) *As novas fronteiras da desigualdade. homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo/SP: Senac, 2003.

OFFE, Claus, *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da “Sociedade do Trabalho”*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 23-41.

RODRIGUES, Almira; YANNOULAS, Silvia C. Gener-idade – Primeiras aproximações ao estudo do gênero na infância In: *Cadernos de Área. Estudos de Gênero*. Goiânia/GO: UCG, n. 7, 1998, p. 61-77.

SAFFIOTI, Heleith. Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras. *Perspectivas*, n. 8, p. 95-141, 1985. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1848/1515>>.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992a, p. 183-215.

_____. Reminiscências, Releituras, Reconceituações. *Estudos Feministas*. Ano 0, n. 0, 1992b, p. 97-103. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/REF/v0/Saffioti.pdf>>.

YANNOULAS, Silvia C. Trabalho feminino: discursos e realidades In: FREITAG, Bárbara; PINHEIRO, M^a Francisca (Org.) *Marx morreu: viva Marx!* Campinas/SP: Papirus, 1993, p. 147-167.

_____. *Educar: uma profesión de mujeres?* Buenos Aires: Kapelusz, 1996.

_____. O trabalho sem fim. In: DAL ROSSO, Sadi; FORTES, José A. A. Sá (Org.) *Condições de trabalho no limiar do século XXI*. V. 1, p. 89-96. Brasília/DF: Epocca, 2008.